

Dados e Hipertelevisão: reflexões iniciais¹

Fabiana Rossi da Rocha FREITAS²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: a partir da visão de Scolari (2008) sobre hipermediações, o presente artigo pretende elencar potencialidades no uso das técnicas do Jornalismo Guiado por Dados (JGD) na perspectiva da Hipertelevisão. Com base em conceitos de referência e exemplos ilustrativos, focamos nos aspectos procedimentais da produção de conteúdo e pontuamos o JGD como ferramenta para a construção de extensões narrativas e para o planejamento de coberturas transmídia.

PALAVRAS-CHAVE: hipertelevisão; jornalismo guiado por dados; hipermediação; transmídia

Partindo da ideia de que os meios remediam uns aos outros (Bolter e Grusin, 1999) e que, nesse movimento, incorporam características de dispositivos anteriores, nos aliamos à visão de Scolari (2008), que defende que as máquinas digitais também absorvem estéticas, linguagens e teorias no que ele considera uma trama de intercâmbios – as hipermediações. Como consequência, ocorrem mutações nas rotinas produtivas, instaurando espaços resignificados, que dão origem a novas formas de comunicação. Essa hibridização, para o autor, é visível na tela: por meio da contaminação de interfaces³, a camada visual das hipermediações.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo. XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutoranda do PPPCOM/UFRGS. Email: frfreitas@gmail.com

³ Para Galloway (2012), a interface é o ponto de transição entre diferentes camadas midiáticas entre diferentes formatos dentro de qualquer sistema. Uma fricção entre diferentes formatos. Por isso, segundo o autor, as interfaces não devem ser vistas como objetos ou zonas de fronteira – mas como áreas autônomas de atividade.

Neste ambiente de mídias convergentes, nos guiaremos por Finger (2014) e Emerim (2015) na compreensão de Telejornalismo como um *jornalismo para telas* – que pressupõe a televisão -- bem como os dispositivos que se utilizem de uma tela de visão ou de uma tela refletida para exibir dados. Assim, propomos um olhar para as possibilidades narrativas através dos procedimentos do Jornalismo Guiado por Dados – ilustrando os conceitos através de reportagens especiais veiculadas em telejornais locais da Rede Globo.

Além de apontar hibridizações, que sinalizam novas possibilidades para narrar a realidade em diferentes meios, este artigo também objetiva refletir sobre a centralidade da televisão no processo de hipermediação, enaltecendo justamente as características que lhe são próprias: poder da linguagem televisual no que tange à transmissão direta, o uso de imagens e a emoção como estratégia subliminar. Inicialmente, partiremos do conceito de hipertelevisão a partir de Scolari (2008), para na sequência vislumbrar o potencial transmídia das reportagens especiais criadas a partir de bases de dados partindo do entendimento de Jenkins (2009).

Para fins de exemplificação e ilustração dos conceitos trabalhados neste artigo, citaremos reportagens veiculadas nos telejornais locais da Rede Globo – e exibidas através de séries especiais no SPTV 1ª Edição, que vai ao ar na Grande São Paulo, bem como no RJTV e Bom Dia RJ, exibidos no Rio de Janeiro. Todas as matérias possuem em comum a utilização dos procedimentos do Jornalismo Guiado por Dados, que conceituaremos, em momento oportuno, a partir dos estudos de Träsel (2014).

Narrativas híbridas

Ao refletir sobre novas ferramentas, jeitos de comunicar e os processos de interação que desafiam o jornalismo, partimos do entendimento de Scolari (2008) sobre hipertelevisão – conceito operativo escolhido pelo autor para se referir às novas configurações que o meio adquire na Era digital. Sua principal característica está na interface: a tela de televisão passa a simular a tela de um computador, seguindo a lógica

do hipertexto⁴, que permite percorrer diferentes caminhos narrativos ao mesmo tempo. Na televisão, isso se dá, especialmente, por meio da fragmentação de telas para contar diferentes histórias simultaneamente. Uma espécie de estética hipertextual, diria Scolari (2008).

As multitelas também fazem parte da hipertelevisão. Por isso, de acordo com Finger (2014) há maior interação da televisão com outras mídias, customização de programas, possibilidade de acesso à programação por arquivo, incrementos de terminais para assistir TV, como telas de computador, *tablets*, celulares e consoles de videogames. Logo, é notório o incremento de novas linguagens especialmente para permitir e estimular a participação do público.

Com a *Web*, essa nova configuração do meio televisivo também modifica o ritmo da apresentação de notícias, com o objetivo reter a atenção de quem assiste à TV. Da mesma forma, os diferentes tipos de perfil de telespectadores estimula a oferta de novas possibilidades narrativas – extensões de um mesmo assunto, complementares.

Assim, num ambiente midiático em camadas (Jenkins, 2014), interceptado pelas redes sociais, a noção de propagação torna-se referência em termos de audiência e distribuição de conteúdo. A ideia de programação na TV se alarga – e passa a exigir narrativas complementares para dar conta da exigência dos diferentes tipos de público. Trata-se da adaptação a um novo tipo de fluxo (Willians, 2016), que pressupõe extensões dos produtos televisuais para outros formatos e mídias na tentativa de manter a audiência e a centralidade da TV – em um contexto onde os pontos de referência do público mudam em tempo real.

Os Dados e o poder da TV

No caso do jornalismo, trata-se de um novo ecossistema (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013), em que informações públicas passam a ser divulgadas através de bases

⁴ Canavilhas (2014) diz que o texto na Web transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações, o hipertexto. Segundo o autor, o termo *hipertextualidade* se aproxima do termo *textualidade*, cunhado por Roland Barthes, para quem o texto ideal abundam as redes que atuam entre si sem que nenhuma se imponha às restantes. Canavilhas também cita Ramón Salaverría, que considera o hipertexto como a capacidade de ligar textos digitais entre si.

de dados abertas na internet por força das leis de transparência. Um movimento que exige, mais do que nunca, habilidades técnicas por parte dos jornalistas para apurar e criar narrativas a partir de números e códigos computacionais.

Tornar compreensíveis para as pessoas os dados produzidos pelos computadores sobre a realidade que nos rodeia é uma das preocupações do Jornalismo Guiado por Dados, conceito que se disseminou entre os jornalistas, segundo Träsel (2014), a partir da prática da Reportagem Assistida por Computador (RAC)⁵, da visualização de dados em infográficos e infoimagens, assim como da criação e manutenção de bases de dados. O acesso a informações públicas através da Lei de Acesso à Informação (LAI), em vigor desde 2012, no Brasil, também impulsionou a prática entre os profissionais e a criação de núcleos específicos, ainda que de forma tímida, nas redações.

De acordo com o Manual de Jornalismo de Dados⁶, da mesma forma que as possibilidades de obtenção de informação aumentam – as técnicas de verificação vão se aprimorando com *softwares* especialmente criados para calcular e combinar informações digitais. Essa constante atualização das ferramentas e suas potencialidades também aprimoram, com o passar do tempo, o que se entende por Jornalismo Guiado por Dados (JGD).

O JGD tem por objetivo a produção, tratamento e cruzamento de grandes quantidades de dados, de modo a permitir maior eficiência na recuperação das informações, na apuração das reportagens a partir de um conjunto de dados, na distribuição em diferentes plataformas (computadores pessoais, *smartphones*, *tablets*) na geração de visualizações e infografias. (TRÄSEL, 2014, p.108)

Em suma, é o tratamento da informação que está em primeiro plano no Jornalismo Guiado por Dados – especialmente do ponto de vista analítico. Essa visão foi herdada de um de seus precursores: o repórter Philip Meyer (2002), que defendia, ainda na década de 70, que técnicas usadas em pesquisas na área de ciências sociais,

⁵ Toledo (2011) elenca a busca avançada na internet, os cálculos complexos usando planilhas eletrônicas, a construção de bancos de dados, o mapeamento de informações através de georreferenciamento para criar mapas temáticos, pesquisa de opinião, entre outros.

⁶ O *Data Journalism Handbook* foi escrito em um esforço coletivo de profissionais em 2011, durante o Festival Mozilla, em Londres. No Brasil, da mesma forma, o trabalho foi traduzido numa iniciativa conjunta entre o EJC (*European Journalism Centre*) e a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), com o apoio de 24 voluntários.

especialmente no que tange às estatísticas, fossem incorporadas à rotina jornalística para garantir mais precisão às notícias. O livro *Precision Journalism*, lançado pelo pesquisador em 1973, nos Estados Unidos, também estimulava os profissionais a compartilharem com o público a metodologia utilizada na apuração.

Essa forma de tratar os dados foi percebida por Bogoni e Kraemer (2015) durante a análise do uso técnicas de RAC em reportagens premiadas de televisão⁷. Ao relatarem as técnicas de investigação usadas nas matérias, as autoras concluíram que as ferramentas potencializaram o trabalho investigativo dos jornalistas na produção dos dados e nas provas, dando consistência às denúncias. Elas também confirmaram que as hipóteses iniciais dos repórteres, definidas durante a apuração através do cruzamento de dados com ajuda do computador, foram comprovadas nas saídas de campo -- permitindo, inclusive, criar condições para planejar, flagrar e filmar como ocorriam as irregularidades e para inspirar a criação de infográficos através das técnicas de geolocalização utilizadas por um dos repórteres durante a apuração.

Por exigir uma produção detalhada, a apropriação das práticas do Jornalismo Guiado por Dados pelo Telejornalismo deixa marcas, geralmente, em séries especiais de reportagens. Uma delas recebeu o selo **Resultado**⁸ – uma iniciativa do jornalismo da Rede Globo para análise e cruzamento de informações públicas. O conteúdo foi exibido em abril de 2016 no SPTV 1ª Edição⁹, telejornal local exibido na Grande São Paulo – e, concomitantemente, na página do portal na internet.

⁷ O objeto de estudo das autoras foram duas reportagens investigativas de TV feitas com o uso de técnicas de RAC: *Jacuí: Crime e Agonia*, do repórter Fábio Almeida, da RBSTV de Porto Alegre, que mostrou a extração ilegal de areia no Rio Jacuí, o maior rio do Rio Grande do Sul -- e *Diários Secretos*, do produtor James Alberti e do repórter Fernando Parracho, ambos da RPC TV, do Paraná, que revelou como a Assembleia Legislativa do Paraná desviava dinheiro público para a contratação de funcionários-fantasma e como os diários oficiais ocultavam esse desvio.

⁸ A grafia do selo é “R=sultado”.

⁹ O telejornal local da TV Globo é exibido de segunda a sábado na Grande São Paulo em duas edições. O SPTV 1ª Edição vai ao ar ao meio dia e é apresentado por César Tralli. Detalhes em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/sptv/ficha-tecnica.htm>. Acesso em 18/08/2016.

Figuras 1 e 2 – César Tralli apresenta a série Resultado no SPTV 1ª Edição



Fonte: SPTV 1ª Edição, Rede Globo

A Figura 1 e 2 mostram o apresentador César Tralli demonstrando, ao vivo, através do *tablet* conectado à página do portal G1 na internet, como é possível interagir com a informação apurada pelos jornalistas sobre o número de mortes violentas ocorridas em São Paulo no último ano. O apresentador sinaliza, em tempo real, como os telespectadores podem interagir com mapas interativos criados pela equipe de internet. Trata-se não apenas de um recurso de segunda tela para possibilitar a participação do público – mas uma hibridização entre os meios e seus respectivos dispositivos. Assim, um produto feito para a internet ganha visibilidade do momento em que passa a se valer não apenas do poder da linguagem televisual – representado, aqui, pela figura do comunicador, que autentica a informação (Ferraretto, 2014) – como também pela promessa de autenticidade da transmissão direta (Fechine, 2008), garantida pela performance do âncora ao vivo.

O estúdio de TV, neste caso, também influi na interação com o público. Por isso, Fechine (2008) defende que se trata de um espaço de encenação semelhante ao palco do teatro. Assim, no lugar onde se dá a relação entre aquele que vê (espectador) e aquilo que é visto (o que é exibido na tela) é um espaço próprio de transmissão – um espaço que não existe em outra dimensão que não a da própria exibição. É o que a pesquisadora afirma se tratar de uma presença cênica, reconhecíveis quando um sujeito se exhibe para outro num espaço e tempo comuns à exibição.

Pode-se dizer, portanto, que o palco e o público estão para a encenação teatral, assim como o enunciado visual (o que se vê na tela) e o espectador em frente à TV estão para a transmissão direta. Essa pode ser considerada, justamente por essa configuração, também por um *mise en scène*, de encenação “viva” ou de performance *em ato* (FECHINE, 2008, p. 141).

Em outra série de reportagens, ocorre o contrário: a transmissão direta, própria da linguagem de televisão, é utilizada para dar destaque e atualidade ao trabalho do publicado pelo portal G1. Tal qual um repórter de TV, o profissional sai da redação de internet, seu lugar de fala, e entra ao vivo da rua – para explicar como o telespectador pode acessar o mapa interativo criado pela internet, como mostra, abaixo, a Figura 3. Percebe-se que, aqui, a interatividade é simulada – e torna-se uma imagem -- como mostra a figura 4 – que é veiculada durante a entrada ao vivo para ilustrar o texto do repórter. A matéria foi veiculada no Bom Dia Rio em maio de 2016 e mostra um levantamento feito através de um banco de dados criado pelos repórteres com informações apuradas sobre o pagamento do salário de servidores em atraso devido à crise financeira do Estado.

Figuras 3 e 4 – Visualização de dados utilizada na entrada ao vivo de repórter do G1 no Bom Dia Rio.



Figura 3

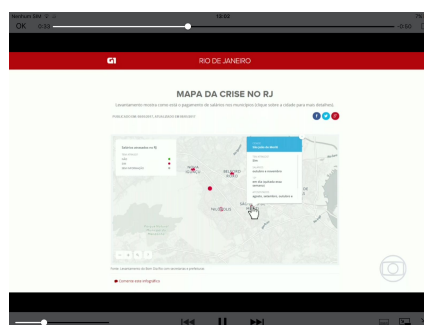


Figura 4

Fonte: Bom Dia Rio, Rede Globo

Outra característica específica da televisão e que salta aos olhos nesse tipo de análise é a força da imagem. Por isso, chama a atenção nas reportagens especialmente a

criação de Infoimagens¹⁰ a partir das informações de bases de dados. O esforço para tornar a informação visível na TV vai ao encontro ao que Cabral (2012) entende por Realidade Expandida -- construída durante o processo produtivo do telejornal através tecnologias digitais, para dar um sentido mais inteligível às notícias. A conclusão da autora parte da observação das rotinas de produção e edição na TV com foco nos recursos de manipulação e simulação utilizados para ilustrar reportagens de temas variados através de Infoimagem. Estes artifícios, segundo a pesquisadora, são utilizados de forma estratégica – e servem para cumprir a promessa de visão de mundo feita pela televisão.

Tanto as imagens criadas quanto as manipuladas foram usadas como estratégias para mostrar os fatos e produzir sentidos nas notícias. O que caracteriza essa produção, além do fato em si, é o processo de investigação jornalística e a oferta de imagens (de qualquer origem) para a construção da verdade jornalística no processo de edição do telejornalismo no contexto contemporâneo. (CABRAL, 2012, p.165).

Dentre os principais usos da Infoimagem, segundo Cabral, estão a simplificação do cruzamento de dados complexos para facilitar o entendimento do telespectador, para enfatizar dados numéricos e ilustrar localizações geográficas, os chamados Infomapas. É importante pontuar que, no que tange às infografias, dentre os estudos sobre visualização de dados, Cairo (2008) chama a atenção para os erros que são cometidos quando os jornalistas optam pela simplificação¹¹ das informações para o público. O autor considera a visualização de dados um suporte para a compreensão da notícia, por incrementar a capacidade cognitiva de quem vê por meio da *evidência*, dando forma a uma lista de números, por exemplo. No entanto, o pesquisador defende que essa simplificação não consiste apenas em fazer infográficos coloridos, divertidos ou atrativos – e com pouca carga informativa.

De acordo com Cairo (2008), o jornalista que trabalha com dados precisa dar-lhes ordem, estrutura, para que os padrões e realidades ocultas por trás deles se

¹⁰ De acordo com Cabral (2012), infoimagens são *letterings* ou infográficos entendidos como uma representação visual da informação por elementos gráficos. Também se referem ao cruzamento com mapas, diagramas, texto, fotos para dar conta de um assunto.

¹¹ Traquina (2008) considera a simplificação um dos valores-notícia de construção, com base no estudo feito por Ericson, Baranek e Chan (1987) sobre os jornalistas e seus saberes especializados.

façam visíveis. Para o pesquisador, só assim – com variedade de formas, tamanhos e cores -- é possível fazer “mini-histórias” surgirem por meio de mapas, gráficos estatísticos, listas, diagramas explicativos, buscadores, fotografias e recursos de áudio e vídeo.

Além da transmissão direta e da força da imagem, outra característica da televisão que é enaltecida nas reportagens com o uso dos procedimentos do Jornalismo Guiado por Dados é a utilização da emoção como recurso narrativo. É o caso do material exibido pelo RJTV em junho de 2017 – que diferente dos demais conteúdos criados com as técnicas do Jornalismo Guiado por Dados – foi definido, de partida, como documentário e dividido em cinco capítulos antes de ser exibido no telejornal local. Com o nome de “Complexo”, o material foi gravado durante dois meses e promete ao telespectador imagens inéditas da ocupação das unidades de polícia pacificadoras (UPPs), números chocantes e flagrantes de abandono nos complexos do Alemão e da Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro. O conteúdo é resultado de uma parceria do G1 com o RJTV e traz, na internet, um raio-x de indicadores apresentados por meio de infografias. Apesar dos créditos da reportagem da TV fazerem referência a um núcleo de dados, os números, no entanto, ficam basicamente restritos ao material disponível na internet. No documentário, a personalização e o testemunho estão sempre em primeiro plano, com fortes traços do que Ponte (2005) considera a retórica da autenticidade – termo utilizado para apontar essa mistura que se percebe entre melodrama e o relato da realidade.

Ferrés (1998), neste quesito, nos ajuda a visualizar como a televisão exerce a sua função socializadora a partir do entretenimento – mas tensiona, ao mesmo tempo, como o uso da emoção tem força para criar no telespectador a expectativa de autenticidade, especialmente quanto aliada ao caráter supostamente objetivo de uma informação e a presença de argumentos lógicos. Isso ocorre, segundo o autor, justamente pelo uso de estereótipos – como a divisão entre vilão e o herói, próprios do melodrama e muito presentes nos folhetins – que gera identificação por parte do telespectador.

É preciso problematizar, no entanto, o fato de que, apesar de ajudar o público a compreender determinada realidade de forma imediata por meio das transferências e

pensamentos associativos – que diferem das considerações lógicas ou racionais dos dados e indicadores – seu uso fora de contexto pode condicionar opiniões descontextualizadas¹². Esse entendimento nos ajuda a refletir sobre as potencialidades da extensão das narrativas no jornalismo, inspirando-se nas idéias de Fechine (2013) acerca da teledramaturgia, com a oferta para o público de uma experiência variada, que permita a racionalização da realidade e sua compreensão através da emoção de forma mais completa.

Potencial Transmídia

Os exemplos citados acima nos mostram como é possível criar narrativas diversas a partir do cruzamento de base de dados. No entanto, apesar de suas interfaces e seus formatos se inter cruzarem, contaminando-se – esse tipo de hibridização pode ser enquadrada no conceito de *Crossmedia*. Segundo Finger (2014), o que identifica esse tipo de fenômeno é o fato de que, apesar de ser distribuído em diferentes meios, a essência da mensagem continua a mesma -- ainda que o materiais não sejam idênticos e que hajam alterações em termos de imagem, áudio, etc. Esse tipo de caracterização, de acordo com a pesquisadora se difere, portanto, da ideia de *Transmedia* – em que o conteúdo é igualmente veiculado em diferentes mídias -- um completando o outro -- para ofertar ao receptor a visão de um fato por diferentes prismas, simultaneamente. O controle por parte do público, aqui, ganha mais destaque – com a ampliação da participação até mesmo em termos de autoria de novas histórias relacionadas ao tema.

O que vislumbramos, aqui, porém, não é a possível identificação de qual dos dois fenômenos identifica melhor as reportagens citadas anteriormente. Optamos pelo ponto de vista da produção, ou seja, nos aspectos procedimentais da escrita hipertextual para televisão, que pressupõe e exige diferentes construções. Por essa razão, enxergamos grande potencialidade no uso das técnicas do Jornalismo Guiado por Dados como ferramenta para planejamento, produção e execução de extensões narrativas no

¹² No que se refere à manipulação da informação jornalística televisada, Blázquez (1999) nos ajudará a problematizar tais técnicas ao apontar situações como a ocultação de sujeitos, a ênfase da fala, na escolha de narradores, no ritmo da imagem e dos trechos do discurso a partir da edição da reportagem.

telejornalismo, em especial no que se refere à visualização de dados (FREITAS, 2018). Logo, por conta da abundância de informação que os bancos de dados detêm, defendemos que a prática do Jornalismo Guiado por Dados tem elevado potencial transmídia (FREITAS, 2017) porque possibilita que diferentes histórias sejam criadas ao mesmo tempo com a ajuda da tecnologia.

Essa proposta parte da visão de Jenkins (2009), que afirma que uma narrativa transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa a partir de sua própria especificidade, acionando a audiência por meio de diferentes dispositivos, concomitantemente, para criar uma experiência multifacetada e completa.

Finger (2014) reitera, porém, que nem tudo no telejornalismo pode ser transformado pela narrativa transmídia. O desafio, neste caso, tem relação com a viabilidade de participação simultânea dos telespectadores numa tríade inclui, ainda, a produção e o conteúdo. Acreditamos, no entanto, que, a partir dos exemplos citados, trata-se de um caminho possível, especialmente quando o sinal da TV digital oferecer plena cobertura em todo o Brasil. A oferta de mais serviços interativos, entretanto, não depende somente da tecnologia, mas de recursos humanos para dar sentido a tais manifestações.

Uma oportunidade em potencial para o uso de tais ferramentas, nos parece, é a cobertura das eleições – que permite a divisão de equipes de forma prévia e planejada. O primeiro passo ocorre na apuração das pautas, na definição dos enquadramentos e formatos específicos para cada meio. Essa busca avançada pode ser feita nos bancos de dados disponíveis na *Web*, por meio de cruzamentos e análises. Essa “varredura” inicial permite, na seqüência, a escolha de diferentes caminhos narrativos, bem como as ferramentas necessárias para dar vida aos números e códigos rastreados. Com os dados organizados, a partir das planilhas criadas na verificação, passa a ser possível a montagem de um esquema de trabalho que nos parece o que Scolari (2008) entende como trama argumental, característica da hipertelevisão, que permite intercâmbios entre as histórias e, ao mesmo tempo, a existência autônoma dos conteúdos divulgados simultaneamente.

Seguindo a lógica de abas hipertextuais, na sequência, podem ser definidos times híbridos para cada bloco informativo: repórteres, produtores, *designers* do departamento de arte, programação, tecnologia da informação, *social TV*, *social media*, além de outras possibilidades. É importante reiterar que esses profissionais já existem na maioria das redações de TV. O que não há, muitas vezes, é um planejamento interno focado em criar conexões entre os conteúdos, objetivando uma construção conjunta que possibilite a oferta de uma trama transmídia para o público em grandes coberturas factuais.

É neste ponto que defendemos a utilidade das bases de dados como ferramenta por conta de uma sua ampla carga informativa, capaz de permitir, ao mesmo tempo, a gravação reportagens de TV e documentários, vídeos explicativos na *web*, *webdocs* interativos, reportagens *longform* para celular, aplicativos, *newsgames* ou simuladores de cálculo criados com linguagem de programação para estabelecer comparações entre valores, por exemplo, e que possuem ampla possibilidade de propagação na *web*.

Um desafio, porém, é a viabilidade financeira desse tipo de projeto – e sua sustentabilidade, considerando que as redações, cada vez menores, nem sempre possuem recursos humanos para dar conta da cobertura do factual do dia a dia. Tais dificuldades, no entanto, não impedem que projetos pontuais sejam retirados do papel, especialmente em empresas que reúnam veículos de diferentes meios de comunicação¹³. São novas possibilidades como essa que estimulam, em nosso entendimento, o Jornalismo Guiado por Dados – especialmente porque os valores que norteiam os profissionais que defendem sua prática estão ancorados em um *ethos* guiado não só pela ideia de comunicação em rede – mas pelo cooperativismo e a tecnofilia com origem na ética hacker (TRÄSEL, 2014).

¹³ A simples existência de diferentes meios de comunicação sob gerência da mesma empresa não significa, no entanto, que seja possível realizar o tipo de organização entre equipes que este artigo deslumbra. Há vários fatores envolvidos, especialmente organizacionais (TRAQUINA, 2012). Ao dissertar sobre a narrativa transmídia no jornalismo a partir do trabalho feito pelo GDI, Grupo de Investigação do Grupo RBS, Raugust (2018) conclui que o trabalho coletivo entre jornalistas com diferentes experiências dentro do mesmo veículo não resulta, por exemplo, na experimentação de novos formatos para tratar do mesmo assunto. O autor pontua, ainda, que a narrativa transmídia está diretamente ligada a um processo de resgate de características do jornalismo que construíram a credibilidade ao longo dos anos com seus públicos. O pesquisador também chama a atenção, com base na Arquitetura da Informação, da necessidade de planejamento para garantir a intertextualidade nos conteúdos e dados, oportunizando, assim, a imersão nos conteúdos. À respeito disso, também concordamos quando Bertocchi (2013), ao desconstruir dados e formatos (2013), reitera que a construção da narrativa digital precisa ser organizada, inclusive, à nível dos metadados utilizados pelos jornalistas durante a criação do que ela chama de *design* da experiência.

Esta também é uma oportunidade para o jornalismo atualizar o seu próprio entendimento a respeito de fluxo informativo, ampliando sua atuação e estendendo suas produções televisuais a partir da valorização da transmissão direta e seu entrelaçamento com a ideia de tempo real da *Web*. Jost (2009) sempre nos lembra que a entrada ao vivo é uma das principais promessas de autenticação da realidade na TV – seja pelo testemunho do repórter, seja pela força da imagem – e por isso tão utilizada pelo telejornalismo para cativar a audiência. Da mesma forma, esta parece ser uma iniciativa com potencialidade para a televisão generalista reforçar, também, seu papel perante os públicos – promovendo o senso de comunidade e o laço social (WOLTON, 2006).

Considerações finais

Neste artigo, procuramos apontar, por meio de exemplos, de que forma ocorrem as hipermediações e as contaminações de interface em reportagens de televisão criadas a partir de bancos de dados. Também procuramos identificar algumas características da linguagem televisual presentes nesse intercâmbio estético com a *Web*. Focamos nosso olhar em três elementos-chave da especificidade da TV: a transmissão direta, a emoção e as representações construídas com a ajuda da tecnologia.

Ao apontar tais características, procuramos co-relacionar brevemente as técnicas do Jornalismo Guiado por Dados, apontando, ao final, potencialidades de uso como ferramenta transmídia na TV, a partir do referencial teórico e dos exemplos que nos serviram de ilustração do fenômeno.

A reflexão sobre procedimentos para inspirar extensões narrativas, tendo como base a centralidade da TV, nos parece interessante com vistas a incrementar o papel do telejornalismo justamente a partir de sua essência, do que lhe é próprio e característico – visando o fortalecimento da democracia ao ser capaz de operacionalizar debates a partir de grandes volumes de dados na televisão aberta. No nosso entendimento, também estamos diante de um cenário inspirador do ponto de vista comercial – visto que a narrativa televisiva pode ser ampliada tanto do ponto de vista temático quanto de oferta em termos de plataforma, nos apontando novos caminhos também para análise da experiência dos telespectadores em relação aos conteúdos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, p.30-89.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos: um modelo teórico para o design do sistema narrativo no jornalismo digital**. 2013. 245f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CABRAL, Águeda. Manipulação, simulação e infoimagem – A Realidade Expandida no telejornalismo. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; Coutinho, Iluska (org.). **O Brasil (é) ditado**. Florianópolis: Insular, 2014.

CAIRO, Alberto. Infografía 2.0: visualización interactiva de información em prensa. Madrid: Alamut, 2008.

EMERIM, Cárilda. Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos. **Telejornal e Praça Pública**. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; Coutinho, Iluska. Florianópolis: Insular, 2015.

FINGER, Cristiane. O telejornalismo na hipertelevisão: os desafios dos produtores e dos receptores das notícias no mundo multitelas. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; Coutinho, Iluska (org.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014.

FECHINE, Yvana. **Televisão e Presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FECHINE, Y. et al. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FERRÉS, Joan. Televisão subliminar. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

FREITAS, Fabiana. **A visualização guiada por dados na TV**: o infográfico como efeito de realidade e elemento de articulação da narrativa telejornalística. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

FREITAS, Fabiana. **O Jornalismo Guiado por dados como ferramenta transmídia na TV**. In: Anais do XIV Seminário Internacional da Comunicação. Porto Alegre: Edipucrs, 2017. Disponível em: < <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-1062-1.pdf>>.

GALLOWAY, Alexander R. **The Interface Effect**. Cambridge: Polity Press, 2012.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

JOST, François. Que significa falar de “realidade” para a televisão? In: GOMES, Itânia Maria Mota (org). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

KRAEMER, Luciana; NASCIMENTO, Solano. **O Uso de RAC por estudantes de jornalismo na fiscalização de políticas públicas: um estudo de casos múltiplos**. In: SBPJor - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 11, Brasília, 2013.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEYER, Philip. The journalism we need. In: MEYER, Philip. *Precision Journalism: a report's introduction to social science methods*. New York: Rowman & Littlefield, 2002.

RAUGUST, Gerson. **A narrativa transmídia no jornalismo: o estudo das coberturas do GDI, do Grupo RBS**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: elementos para uma Teoría de Comunicación Digital Interactiva**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2008.

TOLEDO, José Roberto de. Reportagem Assistida por Computador (RAC) e jornalismo investigativo. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (org.). **Jornalismo Investigativo e Pesquisa científica: fronteiras**. Florianópolis: Insular, 2011.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. Volume II. 3. Ed. Florianópolis: Insular, 2012.

TRÄSEL, Marcelo R. **Entrevistando Planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

WOLTON, Dominique. Elogio ao grande público. Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

Outras fontes consultadas

TV GLOBO, SPTV 1ª Edição. Edição de 26 de abril de 2016. Mortes violentas. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4982105/>>. Acesso em 23 de junho de 2017.

TV GLOBO, RJTV. Edição de 5 de junho de 2016. Documentário Complexo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/complexo-serie-do-rjtv-mostra-os-sonhos-perdidos-com-a-promessa-de-ocupacao-no-alemao.ghtml>>. Acesso em 07 de julho de 2017.

TV GLOBO, Bom Dia RJ. Edição de 9 de maio de 2016. Salários dos servidores atrasados no RJ. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5855662>> e <<https://globoplay.globo.com/v/5855514>>. Acesso em 07 de julho de 2017.